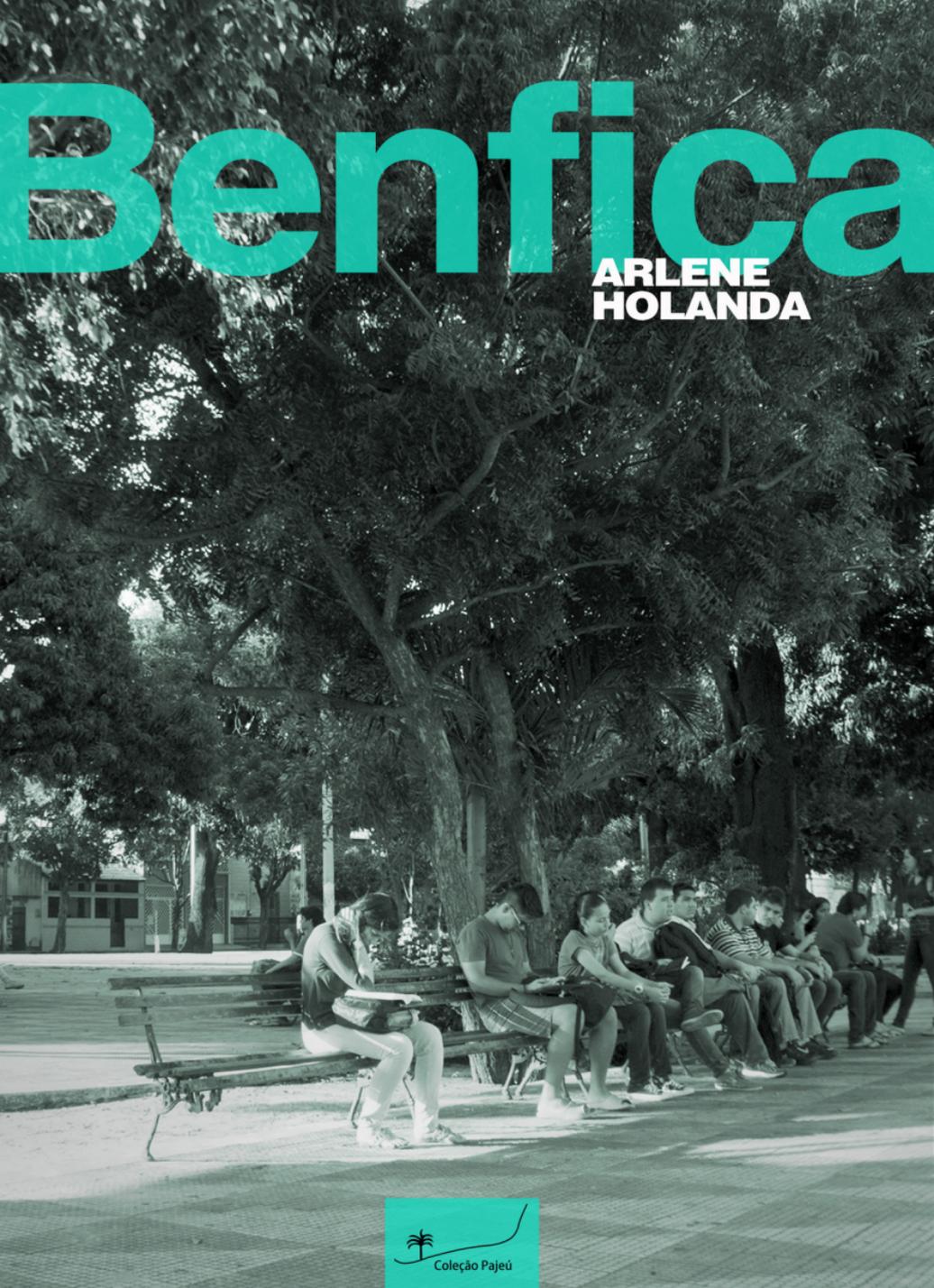


Benfica

ARLENE
HOLANDA





Benfica



Obra realizada com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,
por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza
Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra

Vice-Prefeito de Fortaleza
Gaudêncio Gonçalves de Lucena

Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza
Francisco Geraldo de Magela Lima Filho

Secretária-Executiva
Paola Braga de Medeiros

Assessora de Políticas Culturais
Nilde Ferreira

Assessor de Planejamento
Inácio Carvalho de A. Coelho

Assessora de Comunicação
Paula Neves

Assessor Jurídico
Vitor Melo Studart

Coordenadora de Ação Cultural
Germana Coelho Vitoriano

Coordenador de
Criação e Fomento
Lenildo Monteiro Gomes

Coordenador de Patrimônio
Histórico e Cultural
Jobert José de Souza Pinto

Coordenador
Administrativo-Financeiro
Rosanne Bezerra

Diretora da Vila das Artes
Claudia Pires da Costa

Diretora da Biblioteca Pública
Dolor Barreira
Herbênia Gurgel

Secretário da Regional IV
Francisco Airton Moraes Mourão



**Prefeitura de
Fortaleza**
Secretaria Municipal de Cultura
de Fortaleza

Arlene Holanda

Benfica



Copyright © 2015, Arlene Holanda

Concepção e Coordenação Editorial
Gylmar Chaves

Projeto Gráfico e Diagramação
Khalil Gibran

Revisão
Milena Bandeira

Fotos da Capa e Contracapa
Sheila Oliveira

Consultoria Técnica
Adson Pinheiro/ Graça Martins

Catálogo na Publicação

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3 /801

H 734 B Holanda, Arlene
Benfica / Arlene Holanda.- Fortaleza: Secultfor, 2015.
80p.
(Coleção Pajeú)
ISBN: 978-85-420-0585-1

1. Memórias 2. Crônicas 3. Título

CDD: 869. 4

Sumário

Introdução 9

Fica Bem? 13

Remédios 23

Patrimônio: de todos ou de ninguém? 31

Do prado ao gramado 40

É Federal! 49

Espaços, usos e abusos 57

A (irresistível?) sedução do consumo 66

Referências Bibliográficas 73

*Para Ricardo Aires, que compartilhou
comigo esse Benfica, tornando mais
coloridas e significativas as memórias
inspiradoras dessas páginas.*



Introdução



O Benfica: identidades rimam com saudades

Fui surpreendida com o convite de Gylmar (amigo e contemporâneo desde o Vale do Jaguaribe) em pleno luto, alternando a normalidade necessária à sobrevivência com momentos de extrema dor. A dor de uma saudade-espinho que nem chega a cheirar a flor: apresenta-se assim, puntiforme, cortante, lancinante. Pensei se seria capaz de organizar memórias sobre o Benfica, arrumá-las em um álbum como havia feito tempos atrás com os recortes de jornal e fotos da breve carreira futebolística do meu marido. Ao fim de uma agradável conversa na Mangabeira, casa da Fabiana Guimarães, entre um e outro cajá-umbu (ou simplesmente cajarana, como chamamos em Limoeiro do Norte), surge um acordo: tentaria. Não uma história linear, como já há tantas a nos contar como surgiram o Benfica e outros tantos bairros (do nada?), mas uma história em forma de crônicas, ancoradas nas histórias vindas de variadas fontes (bibliográficas, imagéticas, orais, literárias), mas, sobretudo e visceralmente, impregnada de um tempo presente, o único vivenciado no sentido pleno.

Não lembro exatamente da primeira vez que pus os pés no Benfica. Devo ter ficado impressionada com a Reitoria, sobre a qual corre a história que teria sido perdida – juntamente com o conjunto de graciosas casas que a rodeiam – numa banca de jogo, pelo seu então proprietário, o banqueiro José Gentil. A verdade é que da casa dos “Gentis” permaneceu apenas o núcleo do qual faz parte a famosa torrinha, que se destaca altaneira na construção. E, segundo o memorialista Marciano Lopes, é pura lenda essa história da aposta milionária perdida pelo então banqueiro.

O fato é que, quando dei por mim, já estava morando por lá, desfrutando do ambiente interiorano que poucos bairros ainda teimam em conservar: cadeiras na calçada, bodegas e bares “da esquina”, barracas de comida típica, banca de jogo do bicho... Primeiro foi na Morada dos Marechais, à Rua Marechal Deodoro, antiga rua da Cachorra Magra. Após uma “pequena traição” com o Bairro de Fátima, voltei aos braços do Benfica. Desta vez, na rua Antenor Frota Wanderley – limites com o Jardim América – e finalmente na rua Campos Sales, ora Benfica, ora Farias Brito. Lá começou de verdade minha história de afeto com o Benfica.

Antenor Frota Wanderley, esquina com Waldery Uchôa. Mais precisamente no Edifício Marly. Lá reinaugurei minha vida após um casamento que me pesara por quatro ou cinco anos. Lá brincaram, na pracinha da Gentilândia e nos jardins da reitoria, as minhas filhas Jessica e Uliana.

Lá me apareceu certo dia Dona Maria Nair Lins Gomes, num vestido de estampa de oncinha, com toda sua magia ancestral cariri. Foi ela que me disse, entre tantas coisas, que no lugar do prédio havia uma lagoa grande, que cobria três vezes um homem, onde a pescaria era farta. Foi dela que recebi recados de um jogador que há meses “queria me conhecer” e viria a ser meu eterno Ricardo Aires de Araújo. Foi ela quem me ensinou a oração de São Silvestre (“Silvestre”, como ela falava), da Pedra Cristalina e outras tantas rezas para defesa das manhas do tnhoso, dos males e dos ares.

Pouco sabemos sobre os bairros onde moramos, menos ainda das ruas onde estão sitas as nossas casas. Quem são esses quase desconhecidos que figuram em nossas correspondências já sem listrinhas verde e amarelo, quase irremediavelmente restritas a faturas? No Benfica, temos Adolfo Herbster (um dos reformadores de Fortaleza), Francisco Pinto (missionário na Villa Real de Viçosa), Marechal Deodoro (inaugurador da República), João Gentil (antigo senhor), Juvenal Galeno (poeta das jangadas de vela e tantos outros poemas), Carlos Câmara (o teatrólogo)... Quantos dos que habitam nos logradouros que levam seus nomes sabem deles? E dos “ilustres desconhecidos” Paulino Nogueira, Antenor Frota, Waldery Uchôa, Joaquim Feijó, Joaquim Magalhães, Jorge Dummar, Padre Miguelino? Nem o *Google* parece saber mais do que já se sabe: que são nomes de ruas do Benfica...

Ah, o Benfica... Com recantos que me doem de tantas lembranças, parecendo guardar o eco dos passos do meu amor. O estádio Presidente Vargas onde ele atuou em décadas passadas, com as camisas do Ferroviário, Mequinha e Quixadá; a banca da pracinha principal (onde colocávamos crédito no celular e renovávamos as promoções); a mão de vaca nas madrugadas do Paladar (aberto a noite toda); o bar do Assis (com os churrasquinhos de coração de boi); o da Loura (que negociava um “litro” a preço bem camarada para beber no nosso conforto); a barraca da Rita na praça de alimentação (cujo pratinho custava R\$ 1,00 em tempos idos); o largo do bar do Pitombeira e os saudosos churrasquinhos da banca do Demir (que sumiu de uma hora pra outra); a mercearia da Marechal (onde comprávamos ração para a Cleo e vez por outra sandálias havaianas de procedência não muito confiável); a companhia do “tiozinho” carregador de feira para um trago em uma noite virada... Merecem citação, ainda que menos visitados: churrascaria Caicó, Recanto Acadêmico, as barracas de rua em dia de jogo no PV, já companhia dos tantos parceiros jogadores. Os papos breves, e não menos significantes, com garçons, guardadores de carros (motos, no caso), ambulantes, entregadores, sobreviventes enfim! Tantos mestres das “artes da sucata”, como prega Michel de Certeau, reinventando a seu favor a realidade nada promissora que lhes foi imposta.

Não terá sido mera coincidência o núcleo de Ciências Sociais da Universidade Federal estar localizado no Benfica. O bairro, em seu passado-presente, é um laboratório vivo, sinonimamente mutante, a dispor de curiosos e acadêmicos. E nesse microcosmo ensaio, os primeiros e tímidos passos, mais poeta que historiadora.

Fica Bem?

Pouco pude apurar sobre o português-açoriano João Antônio do Amaral, um dos primeiros a fincar residência no lugar posteriormente conhecido como Benfica. As escassas fontes “contam” ser ele comerciante, natural do arquipélago de Açores, depois habitante da aldeia de Benfica, atual bairro de Lisboa. Viera fugido de perseguição religiosa? Estaria sendo ameaçado por credores? Teria tido uma desilusão amorosa? Desconhecidas são as razões da migração extemporânea deste patricio para terras fortalezenses.

O fato é que o Benfica de Portugal e o Benfica de Fortaleza têm histórias muito parecidas. O de Portugal era uma aldeia de camponeses da região Saloia. No século XV, foi promovida à sede de julgado do Termo de Lisboa, contando com dois juizes privativos. Algumas ordens religiosas se instalaram no local, sendo as mais importantes

as Irmandades de Nossa Senhora do Amparo, Santo Antônio e São Sebastião. No século XVIII, a região começa a atrair pessoas de classes abastadas. Seduzidas pela beleza da paisagem; ali se instalam em quintas, muitas das quais integram hoje o patrimônio histórico lisboeta.

Com o nosso Benfica não foi diferente. Em *Fortaleza Belle-Époque*, o historiador Sebastião Rogério Ponte enfoca o processo do embelezamento da capital cearense, ocorrido a partir dos fins do século XIX, nos moldes das reformas do Rio de Janeiro e de outras cidades da época, por sua vez inspiradas no remodelamento de Paris, promovido por Haussmann entre 1852 e 1870.

Enriquecida com o comércio de algodão e cera de carnaúba, a cidade sofreu reformas que disciplinaram os espaços públicos: praças e passeios foram remodelados, surgiram equipamentos e prédios com arquitetura rebuscada onde predominavam elementos neoclássicos e *art nouveau*. Sobrados e casarões proliferaram nas outrora ruas Formosa, da Palma, da Amélia, das Trincheiras... No entanto, poucas décadas depois acabaria a lua de mel das elites com o Centro. Começa então a debandada para o Benfica, Jacarecanga, Aldeota, lugares considerados salubres e aprazíveis, longe da algazarra e da inconveniência dos mendigos, vendedores ambulantes, pedintes e outros tipos indesejados, segundo a ótica da elite fortalezense.

A origem da toponímia do bairro português tem diferentes versões circulantes na tradição oral. São de um tempo em que lei era lei e palavra de rei não voltava atrás. Reconto aqui a do cronista Fernão Lopes, anotada no livro *Crónica de El-Rei D. Pedro I*: Maria Rousada vivia na aldeia de Benfica. Era casada, mas antes do matrimônio, o marido a “rousara” – termo correspondente a estuprara –, vindo daí o apelido “rousada”. Apesar da violência sofrida inicialmente, consta no relato de Fernão Lopes que Maria e o agressor, agora marido, viviam em harmonia – o casal e os vários filhos que tiveram. O crime de estupro, no entanto, era motivo de condenação à morte no Portugal da época. Mesmo tendo o agressor desposado sua vítima, não o isentava de tal punição. Mas como nunca tinha havido denúncia alguma, o marido de Maria ficara impune.

Anos se passaram. O assunto era quase sepultado, quando um dia o Rei, em visita a aldeia, ao ouvir o nome da tal mulher ficou curioso e perguntou o motivo do apelido. Os aldeões contaram-lhe a história e imediatamente o soberano exigiu que a lei fosse cumprida, ordenando o enforcamento do esposo da Maria Rousada. A mulher e os filhos rogaram em vão por clemência. Chegado o dia da execução, foi grande a comoção de Maria e seus rebentos, carpindo dolorosamente em cortejo ao condenado. O chororô foi tanto que chocou alguns membros da comitiva real; chegaram a insinuar que o Rei teria sido rigoroso

demais. Condoeram-se pela mulher, comentando o quanto ela ficara mal. O Rei não apreciou ser contestado (como todo rei), e em resposta disse: “Bem fica!”. Arranjou um casamento para Maria Rousada e deu-lhe um dote considerável, de modo que ela e seus filhos “bem ficaram”. E a partir desse evento, o lugar passou a ser conhecido pelas palavras proferidas pelo soberano: “Bem fica”.

Deixemos agora o Benfica português e voltemos ao nosso Benfica. Como já informado, em fins do século XIX, João Antônio do Amaral “fundou” aqui em Fortaleza sua chácara, dando-lhe o nome do bairro lusitano. Transportar nomes de Portugal para o Brasil era prática comum entre os “portugas”. Talvez uma forma de amenizar as saudades da terra que deixaram pra trás, de se reinventarem em seus banzos e delírios colonizadores. No Ceará, temos muitos exemplos: os municípios de Crato; Sobral; Viçosa; os antigos Monte-Mor, o Velho (atual Pacajus) e Monte-Mor, o Novo da América (Baturité); Soure (Caucaia); e outros que me escaparam à memória. Temos ainda as localidades de Espinho (em Limoeiro do Norte) e Aronches (atual bairro de Parangaba, em Fortaleza).

Em meio ao mangueiral oriundo de mudas trazidas talvez de Goa, talvez de Cochim – no sonhado e achado caminho das Índias –, João Amaral fincou sua chácara, demarcando seu “bem-ficar”. Tinha o projeto de construir ali um templo consagrado à senhora dos Remédios, mas seus

anos findaram antes. A tarefa acabou sendo executada por sua esposa, Maria Correia do Amaral, zelosa no cumprimento do desejo do marido.

João Nogueira, em *Fortaleza Velha*, não faz menção à chácara de João Antônio nem ao Benfica português. Nos capítulos em que escreve sobre o Benfica, ressalta que a elite fortalezense queira um lugar para “bem-ficar”, atribuindo a isso a origem do nome do bairro. O fato é que a região, ocupada desde fins do século XIX – inicialmente por poucas chácaras –, experimentou rápido crescimento. Num processo similar ao da grande maioria dos municípios cearenses, o bairro Benfica teve em uma igreja – no caso, a de Nossa Senhora dos Remédios – a principal referência aglutinadora. No entorno do templo foram se construindo moradias, surgindo novas ruas, vielas, caminhos. Tanto que nas primeiras décadas do século XX o bairro já estava bem povoado. No *Boulevard* Visconde de Cauipe, hoje avenida da Universidade, palacetes, sobrados e casarões de variados estilos arquitetônicos competiam em beleza e imponência. O memorialista Vanus Meton Gadelha Vieira nos conta em *Ideal Clube – História de uma sociedade* que nas vizinhanças da Igreja Nossa Senhora dos Remédios localizava-se o ponto terminal da linha de bondes do Benfica, no fim da avenida Visconde de Cauipe, atual Avenida da Universidade. A partir deste trecho, começava o Caminho de Arronches, atual bairro de Parangaba, onde

passava boi, boiada e tanta coisa mais nos rumos da serra e do sertão. Posteriormente pavimentado, esse caminho passou a se chamar “estrada de concreto”, denominada em 1930 de avenida João Pessoa.

Os bondes desaguavam em frente à igreja dos Remédios, de onde voltariam para o ponto principal na Praça do Ferreira. Em *Coisas que o tempo levou*, Raimundo de Menezes nos conta que o último bonde – uma espécie de corujão ainda puxado a burros – saía do Benfica para a Praça do Ferreira às 21h30m. Quase não havia passageiros nesse horário. Os muares é que decidiam pela hora da partida, alertados pelas batidas do relógio da Intendência, localizado nas cercanias da coluna da hora, sua rival instalada na Praça do Ferreira em 1932. A essa altura, os dois funcionários do coletivo – boleieiro ou condutor e ajudante – dormiam o sono dos justos. Depois dos bondes puxados a burro, vieram os elétricos e, finalmente, as linhas de ônibus. Inicialmente somente circulavam no Centro, estendendo-se posteriormente ao Benfica e ao vizinho bairro do Prado, onde hoje se localiza o Estádio Presidente.

A década de ouro do Benfica parece ter sido a de 1930. Chácaras com quintais ensombrados por filas de mangueiras, jardins magníficos e ruas pavimentadas compunham um cenário bucólico e tranquilo, tão caro à elite da época. A senhora Beatriz Filomeno Gomes, em entrevista concedida ao Diário do Nordeste, destaca que o Benfica era

“o bairro mais rico de Fortaleza”. Essa época áurea correspondeu com a presença da família Gentil no bairro. A partir do palacete que deu origem ao atual prédio da Reitoria, o domínio desse clã consolidou-se a ponto de criar um enclave dentro dos limites do Benfica – a Gentilândia. Os limites não oficiais desse sítio são as atuais avenidas dos Expedicionários, 13 de maio, da Universidade e Eduardo Girão. A partir do palacete José Gentil foram construídas vilas de casas para aluguel, além de outros casarões.

O “feudo” dos Gentis tinha identidade muito bem delineada, a ponto de demarcar local no imaginário da população. Além das mansões e palacetes, tinham clube social e time – o Gentilândia Atlético Clube. Fundado em 1934, chegou a disputar o Campeonato da Associação Desportiva Cearense, competindo em pé de igualdade com os grandes da época. No Clube Social Gentilândia aconteciam festas dançantes, matinês e piqueniques à sombra das frondosas mangueiras. Na atualidade, muita gente ainda considera Benfica e Gentilândia bairros diferentes. Oficial, porém, só a nomeação da praça principal do Benfica, que preserva original campinho onde os peladeiros de plantão são obrigados a driblar as mangueiras majestosamente fincadas no campo.

Outras famílias da elite fortalezense da época também se fixaram e escolheram o bairro para fincar suas mansões. Mas nem só de *glamour* vivia o Benfica. Casas

geminadas, bem mais modestas, iam preenchendo as ruas com suas portas avarandadas, janelas e gradis. Por vezes uma entrada lateral espremia um jardim singelo: pés de jasmim-de-leite, rosa-prata, boa-noite. Nos tacos de terrenos menos disputados, vulneráveis a alagamentos ou na beirada dos caminhos iam multiplicando-se casinhas modestas, amparadas umas nas outras em solidário cinturão de cores desmaiadas. Feirantes, lavadeiras, engraxates, cambistas, ambulantes vão demarcando seu lugar no bairro, criando enclaves, sítios, territórios alguns dos quais ainda sobrevivem.

A chegada da Universidade Federal do Ceará transformou radicalmente o bairro, as formas de convivência da população com os espaços sociais. A aquisição do palacete Gentil e de imóveis e terrenos circunvizinhos, em meados do século XX, corresponde com a debandada da elite para outras plagas, dessa vez o Meireles e a Aldeota. Os imóveis adquiridos pela Universidade ficaram livres da demolição quase fatal, mas não escaparam das adulterações inevitáveis à adaptação aos novos usos. A presença do Campus impactou no preço dos imóveis e dos aluguéis, expulsou uma fatia significativa da população menos favorecida. Até hoje os preços do Benfica batem com os da Aldeota, do Meireles e de áreas consideradas mais nobres. Casarões antigos, cujas ações de preservação têm sido negligenciadas pelo poder público, deram lugar a prédios de

apartamentos – como é o caso da casa de Rodolfo Teófilo. Atualmente, pode-se afirmar que já não existem casarões cujo uso social seja residências. O tempo e suas urgências transformaram e transformam a paisagem diuturnamente, num ritmo frenético: uma nova fotocopiadora surge, um ponto de venda de celulares e acessórios, sorveteria, pizzaria, american-bar, *self-service*... Grades florescem da noite para o dia, nos fazendo ver tudo enquadrado, como na canção de Adriana Calcanhoto.

Sim, o Benfica ainda é o bairro universitário, embora nem mais quieto, nem mais bucólico, nem mais tranquilo, talvez nem mais tão alegre. Mangueiras testemunhas da glória dos Gentis teimam em resistir, sufocadas em meio ao asfalto. Cadeiras na calçada – comuns até o fim do século XX –, não vejo mais. Em dias de jogo no PV, carnaval de rua, manifestação ou eventos na UFC, *trailers* disputam lugar nas calçadas. Lembro-me das duas últimas vezes que tomamos cerveja (tomamos é uma maneira de dizer, só Ricardo tomou) e comemos churrasquinho “de gato” no Benfica: uma vez na Waldery Uchôa, esquina com Adolfo Herbster. Era carnaval. Outra na Marechal Deodoro, na curva da antiga Cobal (Companhia Brasileira de Alimentos), ao final de um jogo do Fortaleza contra não sei qual time. Ricardo conversou com os barraqueiros – era seu costume. Perguntava de suas vidas, onde moravam... Quase sempre vinham de bairros bem distantes, vender ali

porque a “praça” era boa. Pretendiam zerar o estoque de churrasquinhos, cachorros-quentes, latinhas e refrigerantes de 2 litros vendidos a retalho em copos descartáveis.

E assim vão se costurando histórias, de todo mundo, do mundo todo, de que nem sabe das histórias dos casarões sobreviventes, dos Gentis, dos bondes... Histórias dos milhares que passam na rua, nos ônibus lotados, dos torcedores exaltados, dos que carregam grossos volumes de ensaios fotocopiados, teclam com sofreguidão, matam aula no Pitombeira, namoram nos bancos das praças, se drogam, se enlevam, transgridem, se manifestam, se comovem. Histórias dos que têm saudades, do vivido e do não vivido... E, por isso mesmo, fazem questão de inventar tudo de novo, pela magia das palavras-fada, capazes de eternizar cada instante e... transformá-lo em histórias!

Remédios

As invocações a Nossa Senhora são tantas que parece haver uma para cada dor, aflição, necessidade ou até mesmo prazeres dos mortais. Das Dores, dos Aflitos, do Perpétuo Socorro, do Rosário, dos Navegantes, da Saúde, Auxiliadora, do Leite, do Bom Parto, dos Remédios, a lista é extensa.

No Brasil, as devoções às muitas Nossas Senhoras são uma marca do colonizador europeu, notadamente o português, em sua ação esmagadora de enculturação dos povos nativos. O culto a Nossa Senhora do Bom Remédio, conhecida no Brasil como “dos Remédios”, teve origem na Itália medieval no século XIII, período eferescente quanto ao surgimento de devoções, milagres e beatificações. Foi disseminado pela Europa pela Ordem da Santíssima Trindade, cujos membros são conhecidos como frades trinitários.

Algumas crônicas medievais apontam um ministro desta ordem, frei Guilherme, o Escocês, como o primeiro a inculcar o culto à Mãe dos Remédios. Outras versões atribuem a disseminação da devoção ao fundador da Ordem, João de Matha, morto em Roma, em 1213, e posteriormente beatificado. Cá entre nós, deve ter se tratado de mais uma disputa interna pela primazia, comuns não só no ambiente

eclesiástico. O mais aceitável é que os dois tenham contribuído para a difusão do culto em questão.

O certo é que essas ações de difusão, capitaneadas por Guilherme, o Escocês, ou João de Matha foram bem-sucedidas. Reza a crônica religiosa que este último teria sido socorrido pela Virgem num embate com os muçulmanos em Tunis, conseguindo miraculosamente grande soma para pagar um resgate de prisioneiros cristãos. Logo o culto à Senhora do Bom Remédio espalhou-se pela Europa. Nilza Botelho Megale, em *Invocações da Virgem Maria no Brasil*, afirma que essa devoção tornou-se popular em Portugal desde o século XIII, principalmente nas cidades de Santarém e Lamego. O *Capítulo Geral da Ordem Trinitária*, escrito em 1230, ratificou a veneração da Virgem Maria como patrona oficial da Ordem.

A partir do século XV se intensifica a devoção à Virgem do Bom Remédio (do Remédio ou dos Remédios), a quem, em invocações, são dedicadas igrejas, altares, confrarias. No início do período colonial, os frades trinitários disseminaram no Brasil o culto à Virgem dos Remédios, em honra da qual se ergueram capelas em várias povoações antigas, especialmente no Nordeste (Maranhão, Pernambuco e Bahia) e Minas Gerais. A construção do templo dedicado à Mãe dos Remédios em Fortaleza é tardia (fins do século XIX) se compararmos à de Parati, Fernando de Noronha e de outras localidades das regiões citadas.

Bem mais amplo do que decerto imaginam muitos dos seus fiéis cearenses são os sentidos da palavra “remédios”. A cura para os males da alma, o socorro em momentos de extremo perigo e para as necessidades terrenas constam no rol dos milagres creditados a esta invocação. No latim, os verbos “redímere” e “remediare” e os substantivos “redemptio” e “remédium”, têm significado ampliado: redimir, resgatar; resgate, remédio (com o sentido de salvação, libertação). Corroborado o exposto, em manuscritos do século XVI e XVII, encontramos mais duas versões da invocação de Nossa Senhora do Bom Remédio: do Resgate e da Libertação.

A igreja de Nossa Senhora dos Remédios de Fortaleza nasceu do sonho de João Antônio do Amaral, primeiro proprietário da chácara Benfica, que acabou por dar nome ao bairro surgido na localidade. O comerciante português já era devoto da Virgem dos Remédios, padroeira da paróquia da Ilha de São Miguel, pertencente ao Arquipélago dos Açores, onde este nasceu e foi batizado. Mas a construção do templo não seria concretizada a tempo deste João ver seu sonho realizado. Iniciadas em dezembro de 1878, as obras ressentiram-se da falta de recursos, talvez pela localidade não ser ainda muito povoada e, conseqüentemente, não contar com grande número de fiéis que pudessem colaborar com a empreitada. A capela só foi concluída 32 anos depois, em 1910, quando João Antônio

do Amaral já havia falecido, sendo decisivos os esforços de sua esposa, Maria Correia do Amaral, que encampou o empreendimento do marido.

A construção do templo estimulou o povoamento do seu entorno, fenômeno comum na história dos municípios e bairros cearenses. No ano de 1927 foi entregue aos cuidados de padres da ordem de São Lázaro. A então capela dos Remédios integrava a paróquia de Nossa Senhora do Carmo, cuja igreja matriz está localizada na Avenida Duque de Caxias, no Centro de Fortaleza. Em 1934 foi criada a Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, sendo a capela elevada à condição de matriz. Permanecendo aos cuidados pastorais dos lazaristas, quase todos de nacionalidade alemã.

É relevante observar que a época da criação da paróquia dos Remédios corresponde com a “década de ouro” do Benfica, quando o bairro foi eleito como lugar ideal de moradia por figuras da elite cearense, principalmente a família Gentil, que veio a construir um palacete na chácara Benfica. Considerando que o porte da capela não condizia com sua nova condição de sede de paróquia, os padres lazaristas empreenderam campanhas para ampliá-la, tornando-a compatível à sua elevação a matriz. Recolheram doativos junto a seus parentes no exterior, dos paroquianos, realizaram leilões, bingos e quermesses. Doações polpudas passaram a ser ofertadas pelos novos e aristocráticos mora-

dores, notadamente a família Gentil. A condição de matriz de bairro de elite possibilitou ampliações e melhoramentos no decorrer dos anos, transformando a antiga capela dos Remédios em um dos templos mais bonitos de Fortaleza.

De porte é elegante e refinado, tem estilo arquitetônico eclético – como a maioria dos edifícios integrantes do patrimônio histórico cearense – e referências neogóticas. A torre é única, incrustada na parte central da fachada. Guardada por quatro torres em miniatura, abriga sino e relógio, que até hoje marca as horas com seu soar dolente. A fachada ostenta nicho e frontão, encimados por torres menores nas extremidades. O patamar é relativamente amplo, com nível elevado em cerca de um metro em relação à avenida da Universidade. Nas últimas décadas do século XX, a igreja precisou ser protegida por grades de ferro. Os tempos de embate e conseqüente violência fez os templos fecharem as portas aos fiéis em determinados horários, contrariando o costume de estarem sempre de portas abertas aos necessitados do socorro divino.

Na parte lateral esquerda há um simulacro de capela cuja entrada é guarnecida também por grade. Ao fundo, pode-se ver a imagem de Santa Liduína presa à sua cama, em seu martírio purificador. Nascida no final do século XIV, essa santa holandesa pouco conhecida dos fiéis brasileiros sofreu um acidente cujas sequelas a impediam de caminhar e se alimentar. Teria sobrevivido doze anos sem

comer nada, rezando e recebendo a eucaristia com o propósito de expiar os muitos pecados das almas, desencarnadas ou não. Na parte interna existem três naves. A central abriga o altar e o nicho com a padroeira. A imagem da Senhora dos Remédios segura o Menino Jesus, que porta um globo azul simbolizando a Terra. Nas laterais existem nichos com vários santos “reforçando o time” da padroeira, seguindo o estilo dos templos católicos.

Dentre o patrimônio artístico da igreja dos Remédios destacam-se os afrescos da cripta do templo, pintados por Gerson Faria (1889-1943). Representam cenas da paixão de Cristo. As pinturas de Faria chegaram a ser dadas como perdidas, mas foram recuperadas no ano de 2010, por iniciativa do padre Sílvio Mitoso, pároco dos Remédios à época. Segundo Gilmar de Carvalho, a obra foi fotografada e catalogada por ocasião de uma pesquisa documental sobre arte cearense coordenada pelo artista plástico Nilo Firmeza (Estrigas). Em entrevista concedida ao Jornal o Povo, Carvalho afirma que “Trata-se de uma obra valiosa, porque provém de um artista que conta com essas pinturas e é uma exceção para quem quer conhecer um pintor importante do Ceará”.

Edifícios, sinos, mosaicos, imagens, adornos, toalhas rendadas, arranjos de flores, incenso, mirra, ostensório... Do que é feito uma igreja? Que amálgama une diferentes pessoas em diferentes tempos em torno da fé surgida

em torno da vida e obra do Jesus Cristo? Pelo que rezariam as senhoras da elite das décadas de 1930 e 1940? Que graças pediriam a Senhora dos Remédios? No entanto, o corpo de devotos não era formado só por pessoas da elite. Maria Aires de Araujo (avó-mãe do meu Ricardo), Maria Nair de Araujo Gomes e quase toda a vizinhança do Canal – como era chamado o trecho canalizado do riacho Jardim América, sito por trás do campo do Ceará – eram frequentadores da Igreja dos Remédios. Pelo que pediria cada uma dessas pessoas nas missas celebradas neste templo?

Segundo informação contida no site da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, “Os padres Lazaristas esforçaram-se bastante para que os leigos participassem dos movimentos da paróquia e sempre houve grande preocupação com as camadas mais pobres dos paroquianos”. O primeiro vigário, Padre Guilherme Vaessen, notabilizou-se pela ação social no bairro durante o logo tempo em que esteve à frente da paróquia. Foram fundadas a Casa da Mãe Solteira e a escola Padre João Vaessen, destinada à educação de crianças pobres. Dona Nair e outras pessoas do Canal corroboravam a ação social dos lazaristas: não sabiam falar direito o nome do pároco, Padre Vaessen, mas destacavam que era caridoso, intercedia pelos fiéis em problemas cotidianos e encomendava sem cobrar nada as almas dos falecidos na “escolinha” da comunidade, que funcionava como um salão de velórios.

Eu e Ricardo fomos ao velório de Nair nessa mesma “escolinha”. Creio que o Padre Vaessen já não estava à frente da Igreja dos Remédios. Há tempo ela nos notificava, comovida, sobre sua saúde frágil. Nesse templo assisti à missa de sétimo dia, que correspondeu com a culminância dos festejos da padroeira – 8 de setembro –, onde há, até os dias atuais, procissão, leilão e barraquinhas com venda de comidas típicas no patamar da igreja. Apesar das buzinas e barulhos inerentes ao burburinho urbano do Benfica, consigo ouvir as badaladas do sino dos Remédios. Parodiando Ernest Hemingway: por quem dobram esses sinos?

Não posso deixar de me entristecer nessas horas, afinal, o som dos sinos sempre me parece triste, mesmo quando a intenção é ser alegre. Até seu dobrar festivo parece nos alertar sobre a efemeridade da vida. Felizes os que a seguem sem atropelos cronológicos, morrendo de morte morrida depois de uma vida vivida.

Patrimônio: de todos ou de ninguém?

Muito tem se falado sobre a preservação do patrimônio, sobretudo nas últimas décadas, quando se fortaleceram políticas públicas nessa esfera. É comum ouvir-se que Fortaleza é uma cidade sem memória: prédios históricos e casarões parecem sucumbir um a um, sem ficar um exemplar que lhes sirva de testemunho de épocas mais glamorosas. Assim tem sido no Centro, no Jacarecanga, na Aldeota, e como não podia deixar de ser, no Benfica.

Em lugar dos sobrados, mansões ou casarões, imóveis cuja “arquitortura” chega a causar desconforto visual. Em muitos casos, construções antigas sobrevivem, embora aleijadas por amputações e deformações. Por vezes, a parte de cima preservada contrasta com as portas corrediças, com as marquises de cores berrantes das lojas populares, configurando-se no que Raymundo Netto, na obra *Cadeiras na Calçada*, bem nomeou de “a cidade de cima” e a “cidade de baixo”. Em outras, janelas são preenchidas por tijolos, se improvisam marquises e grades toscas, cercas elétricas, aparelhos de ar condicionado pendem das janelas como estorvos e outras estranhezas mais. Necessárias, talvez indispensáveis, em tempos de igual estranheza.

No dicionário “do Aurélio”, a palavra patrimônio tem as seguintes definições: “Bem que vem do pai e da mãe.

/ Conjunto dos bens, direitos e obrigações de uma pessoa jurídica. / Fig. O que é considerado como herança comum”. Parece razoável patrimônio histórico ficar com a terceira definição. Em sentido figurativo, herança comum, bem compartilhado por todos. Essa definição encerra, a meu ver, uma grande inconsistência, um vazio, um ruído – que talvez explique as dificuldades encontradas pelas políticas de preservação do patrimônio: qual a importância afetiva dos casarões do Benfica para os milhares que passam nos ônibus apertados pela antiga Boulevard Visconde de Cauype, vindos dos subúrbios aos quais foram confinados migrantes e outros perambulantes pertencentes às camadas menos favorecidas, eufemisticamente falando?

Que lugar social seus prováveis antepassados tinham, os que limpavam a sujeira da casa, embalavam os pequenos, cozinhavam, lavavam, engomavam, levavam recados e outros tantos serviços? Entrariam pelas portas do fundo e não figurariam, com certeza, nas fotos posadas dos clãs que habitavam essas residências, cuja descendência muitos se sentem tentados a divulgar em meios virtuais. É preciso ressaltar que muitos donos dessas casas, patrimônio literalmente descrito no dicionário como “Bem que vem do pai e da mãe”, pouco parecem se importar com seu destino. Abandonaram-nas à sua própria sorte em meio a querelas com partilhas, fazendo-as reino de aranhas, morcegos e cupins.

As evidências permitem especularmos que a alternativa mais viável à destruição, ao destino de virar prédio de apartamentos, galpão ou, pior ainda, estacionamento, é a aquisição do imóvel pelo poder público para uso social. É como se, tendo livre acesso ao âmago dessas construções, à intimidade dos seus muitos cômodos, a edificação incorporasse os sentidos de patrimônio de herança comum, bem compartilhado. Gilmar de Carvalho considera a Universidade Federal do Ceará e seu conjunto de equipamentos responsável pela “não favelização do bairro”. Não concordo que chegaria a tanto, mas responsável pelo pouco preservado, com certeza sim.

É o caso do palacete Gentil. A torrinha e o núcleo da construção de inícios do século XX foram preservados e deram o “mote” para o estilo arquitetônico do atual prédio que abriga a Reitoria da Universidade Federal do Ceará, construído em meados do mesmo século. Muita gente desavisada pensa que o prédio inteiro era a casa, o que seria improvável pela sua distribuição espacial, peculiar a um prédio de uso não residencial.

José Gentil, o proprietário, era natural de Sobral. Migrou para Fortaleza em fins do século XIX, onde fundou a firma comercial “Frota & Gentil”, posteriormente Banco, e uma imobiliária. No início do século XX mudou-se para o Benfica, seguindo a tendência da elite fortalezense da época, para cujos integrantes o Centro se tornara um

lugar barulhento e desconfortável. Além do palacete, José Gentil construiu outras moradias imponentes e vilas de casas mais modestas, poucas das quais resistem em seu estilo original. Nascia, assim, no dizer do memorialista Marciano Lopes, o “feudo dos Gentil”, popularmente conhecido como Gentilândia.

No lugar do prédio das Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, defronte à Igreja dos Remédios, ficava um desses casarões. Lá residiu a senhora Beatriz Filomeno Gomes. Quando indisposta, ouvia a missa de casa mesmo, sentada na janela do seu quarto, declarou ela em entrevista concedida ao jornal Diário do Nordeste. Do alto de seus noventa anos, Beatriz expressa outras memórias afetivas do bairro: “Uma vasta chácara em que se tinha um mangueiral plantado em linha reta a perder de vista, onde vivíamos cercados de familiares”. Segundo ela, o Benfica foi habitado por muitas famílias tradicionais: “Além da nossa numerosa família Gentil, também tínhamos como vizinhos Carlos Jereissati, pai do ex-governador Tasso Jereissati, meu avô, Adolpho Campello, entre outros. O Benfica era o bairro mais rico de Fortaleza nos anos 1930”.

Ainda pertencentes ao complexo da Universidade, temos vários imóveis que “roubam o olhar”, fazendo-me experimentar uma saudade de um tempo no qual não vivi. O bangalô onde funciona a Casa de Cultura Alemã é um deles. Com telhado inclinado, esperando a neve que nunca

virá, parece saído de um cartão de natal antigo ou de um cartaz de filme de terror, quando tingido de prata sob uma lua imensa. Uma confirmação de que, como anotou Marciano Lopes, os novos ricos cearenses procuravam copiar modelos europeus com extrema fidelidade. Decerto um valor de distinção em uma sociedade culturalmente marcada pela submissão aos valores estrangeiros. A despeito do destino aparentemente privilegiado de continuar de pé, esse bangalô não escapou dos aparelhos de ar-condicionado pendendo grosseiramente das paredes ou janelas – qual hospedeiro – e de interferências internas ainda mais severas em seu interior.

A Casa Amarela Eusélio Oliveira – homenagem ao cineasta fundador brutalmente assassinado por motivo banal – chama atenção pela arquitetura típica de chácara: um chalé com uma varanda no correr de uma das laterais, janelas e gradis. No cruzamento da avenida da Universidade com a rua Instituto do Ceará tem destaque o prédio da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo da UFC. Em estilo imponente, onde predominam características neoclássicas, a edificação já sediou o Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, conhecido como Grupo Escolar do Benfica, e o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará.

Na esquina da Avenida da Universidade com a rua Antônio Pompeu sobressai-se o Solar das Liras, hoje

ocupado pela Loja Maçônica Luiz Moraes Correia. Um galo apruma-se altaneiro no cimo do telhado, ensaiando madrugadas e quintais. Os supersticiosos acreditam não ser de bom agouro, muitos desviam o olhar. A construção é decorada com altos-relevos de flores e liras da Plástica Cearense, pioneira na fabricação de mosaicos e elementos decorativos em concreto armado.

Merece citação o casarão da primeira metade do século XX, ocupado pelo convento do Instituto das Filhas de São José há cerca de 20 anos. As religiosas procuraram manter a originalidade do imóvel: a fachada pintada na cor *salmon* tem relevos na alvenaria destacados em branco. O jardim é impecável, com flores de variados tons e caramanchões ensombrados que nos faz pensar em paz na urgência das horas. O muro, porém, teve que ser alteado e encimado por um providencial “pega ladrão”. É um dos poucos imóveis com fins residenciais sobrevivente testemunha da “época de ouro” do Benfica.

Dois casos de demolição marcaram sobremaneira o Benfica: o da casa do escritor, cientista e humanista Rodolfo Teófilo e o da Chácara Flora. O casarão de Rodolfo situava-se na avenida da Universidade, quase nos limites do Benfica com o Centro. Nele o escritor produziu muitas de suas obras e realizava pesquisas científicas no laboratório que ficava nos fundos da moradia. Houve grande mobilização da imprensa para evitar a demolição e conseguir

o tombamento do imóvel. O jornalista e escritor Lira Neto, autor de uma das biografias mais conhecidas de Rodolfo Teófilo – *O poder e a peste* – esteve em campanha em frente à casa, no dia fatídico da morte anunciada. Conta ele que, não conseguido abortar a demolição, pediu a uma das descendentes do escritor a placa de mármore que identificava a residência com o nome e a profissão do antigo proprietário, como era costume. A mulher, com requintes de sadismo, arremessou-a ao chão diante do grupo de manifestantes, demonstrando imenso prazer com esse ato.

A história da Chácara Flora é um tanto parecida com a do casarão de Rodolfo Teófilo: apesar da mobilização da imprensa, de parte da população e até mesmo de órgãos públicos da esfera da cultura, a edificação foi demolida. Nada restou além de escombros, indignação e lembranças.

A casa rosa, cercada de mangueiras e outras árvores frutíferas, destacava-se na paisagem aleijada por construções capengas: cubículos amontoados em forma de quitinetes, muros, cercas elétricas, marquises toscas, grades, janelas esqueléticas. O portão de altura mediana deixava entrever um oásis de sombra e água fresca em meio à fuligem das horas. Portas e janelas pintadas de branco, uma varanda no correr da lateral direita fazia sonhar redes, cadeiras de balanço, quem sabe histórias... Vozes de crianças no quintal, pássaros bicando sapos e mangas-rosa, moça esperando no portão, canja e pão de ló sobre a mesa do jantar. Lembranças

inventadas por quem não viveu, na mediunidade anunciada da escrita, mas assim mesmo lembranças.

A chácara Flora, segundo declarou o arquiteto Romeu Duarte ao Jornal O Povo, “É uma arquitetura da passagem do século XIX. Com traços ecléticos, característica de chalé, com traços europeus que marcam o momento da expansão da cidade”. Único exemplar com o entorno preservado em Fortaleza, aumenta o impacto negativo de sua destruição. “Há que se punir o criminoso” – a “mão armada” que sorrateiramente surpreendeu a indefesa vítima rosa de portas e janelas brancas nos estertores de 2011 –, garantiram as autoridades responsáveis em entrevista ao jornal O Povo. A responsável pela Coordenação de Patrimônio Histórico Cultural no município de Fortaleza à época ressalta:

A Secretaria de Cultura de Fortaleza ficou de mãos atadas, nada pôde fazer para evitar que o crime acontecesse. Infelizmente, chegamos tarde demais. Entretanto, já foi lavrada autuação com valor de embargo, que impede que seja feita qualquer intervenção no local, como a retirada de material. Proprietários vão ter que pagar multa e responder criminalmente.

Menos ruidosa, mas não menos criminosa, foi a demolição da casa onde residiram o escritor Moreira Campos e sua filha Natércia. Tive o privilégio de entrar no ninho onde essa encantadora de palavras – com os cabelos castanhos presos displicentemente em um coque – colecionava ninhos e afetos. O branco da casa caiada contra o azul dos gradis evocava lembranças mediterrâneas. Livros, plantas, pau-de-chuva, bibelôs, compotas, cartas, guardados... Nada que caiba no estacionamento de *shopping* onde se transformou a casa – agora só chão –, com paredes de nuvens e memórias.

Multas, sanções, punições... Nada que substitua o vazio de olhar pela janela do ônibus e não mais ver mais essas casas... Tantas lembranças fantasiadas, e, por isso mesmo, tão minhas. Nada que substitua o prazer de me imaginar à sombra daquelas árvores, a me deixar perder compromissos, ganhar horas... De modo semelhante à Chácara Flora, Ricardo me foi levado sem aviso, nos estertores de 2013. Nada que substitua “o eco de seus passos, o seu riso de fonte”, como tão bem poetizou Florbela Espanca. Perdas e danos... Tenho tentado sobreviver a elas, parcelando minha dor nos anos que me restam.

Sobreviverei? E o Benfica, sobreviverá?

Do prado ao gramado

Conhecido como o mais querido do torcedor cearense, o Estádio Presidente Vargas teve como antecessor o antigo “Campo do Prado”, inaugurado em 1912, e palco de acontecimentos memoráveis como a primeira transmissão radiofônica de uma partida de futebol, disputada pelos times Estrela do Mar e Maguary. Para os desavisados, a palavra prado é sinônima de hipódromo, lugar onde são disputadas corridas de cavalos. Apesar da escassez de fontes sobre o assunto, pode-se concluir que o prado parece ter marcado época na Fortaleza de inícios do século XX. Deu nome ao bairro surgido no local, depois anexado ao Benfica. Tinha linha de bondes e ônibus que circularam até meados do mesmo século. A própria avenida 13 de Maio, uma das vias principais de acesso ao bairro do Benfica, já foi chamada de Flor do Prado.

Segundo o pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), no “Campo do Prado” eram realizados os jogos da Liga Metropolitana Cearense, além de outros certames que marcaram a história do futebol cearense. No local deste campo está situado o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, antiga Escola Técnica Federal do Ceará. A construção dessa instituição de ensino no local do campo de futebol foi fruto de uma negociação

entre o então interventor Menezes Pimentel com o presidente da Associação Desportiva Cearense à época Jurandir Pires. Dela surgiria o Estádio Presidente Vargas.

Construído no terreno permutado com o do antigo Campo do Prado, o estádio foi concluído em setembro de 1941. No jogo inaugural, enfrentaram-se as equipes do Ferroviário e do Tramways, time do vizinho estado de Pernambuco. No entanto, o estádio ainda não se chamava Presidente Vargas, mas Estádio Municipal de Fortaleza. Só em janeiro de 1952 recebeu o nome atual, uma homenagem ao polêmico ex-presidente Getúlio Dorneles Vargas. Começava a saga do mais querido estádio do Ceará, comparado por alguns ao “Bombonera” argentino. É lá onde os times visitantes sentem o poder da torcida e o caldeirão ferve, botando pressão no adversário. Diferentemente de estádios maiores, como o Castelão, considerados mais confortáveis para as equipes de fora, o PV é considerado um aliado dos “times de casa”.

Nesses setenta e três anos de existência, o Presidente Vargas – chamado carinhosamente de PV ou Pevezinho – passou por várias reformas. Até 1958 as arquibancadas eram de madeira, assim como a cerca que impedia o acesso ao gramado, fazendo às vezes de alambrado. Seu Manuel Ventura lembra que “a cerca era baixinha, a gente assistia o jogo de camarote subindo num cajueiro”. Nesse ano começaram a ser construídas as arquibancadas de concreto, projeto fi-

nalizado mais de uma década depois, em 1969. Em 1997, o estádio passa por grande reforma: perde a famosa “geral”, ganha cadeiras de fibra e sofre redução da sua capacidade para 19.800 lugares. Em 2007, tem sua interdição declarada por risco de desabamento. Após nova reforma, é entregue novamente à população em 2011, de “cara nova” e em consonância com os padrões internacionais exigidos pela Federação Internacional de Futebol Association (FIFA).

O recorde de público – quase quarenta mil torcedores – teria ocorrido no jogo entre o Ceará e o Ferroviário, que terminou empatado em 1 x 1. Existem, porém, registros sobre um embate entre Ceará e Coríntias pelo Campeonato Brasileiro de 1971, com público superior a esse recorde: cerca de quarenta e dois mil expectadores. Os três times da capital considerados grandes, Ceará, Fortaleza e Ferroviário, tiveram conquistas marcantes no estádio. Ressalte-se que o “Ferrim” (Ferroviário Atlético Clube) tem experimentado dificuldades nos últimos dez anos que ameaçam sua condição de “grande”. Para a aguerrida torcida coral, o PV eternizou-se como palco de vitórias que dificilmente seu time de coração repetirá: as conquistas dos campeonatos cearenses de 1995. O último título comemorado no PV foi em 2001, quando o Fortaleza sagrou-se campeão arrastão em cima do rival Ceará.

Nas décadas de 1970 e 1980 a charanga do Gumerindo – talvez a mais famosa do gênero – animava os jogos

do Fortaleza. Seu Manuel Ventura destaca que eram tempos de paz, de brincadeira saudável: “os torcedores do Ceará e do Fortaleza bebiam juntos, assistiam ao jogo tudo junto. Não tinha essa violência de hoje em dia”, afirmou ele, referindo-se aos atos de vandalismo provocados por facções de torcidas organizadas que se tornaram corriqueiros na atualidade.

Outras partidas disputadas em certames regionais e nacionais também marcaram as mais de sete décadas de existência do Presidente Vargas. Em 1969, o alvinegro de Porangabussu (Ceará) protagonizou, juntamente com clube Remo, uma disputa emocionante pelo título Norte-Nordeste. O jogo de ida havia sido vencido pelo time paraense por 2 x 1. O Ceará precisava vencer em casa (no caso no PV) para forçar o terceiro jogo. O Remo chegou a abrir 2 a 0. No segundo tempo, porém, veio a virada, com o terceiro gol marcado nos últimos minutos. O milésimo jogo de Pelé como atleta do Santos foi outro jogo histórico. Aconteceu em 3 de novembro de 1972, contra o Ceará, pelo Brasileirão. Com público pagante próximo ao recorde do estádio, o Alvinegro venceu o “time de Pelé” por 2x1, de virada. Samuel e Da Costa marcaram para o time da casa, enquanto o “Rei” marcou para o Santos.

Polêmicas envolvendo arbitragens também não faltam na biografia do Estádio Presidente Vargas. Desde os habituais xingamentos (para não dizer chuva de palavrões) emitidos pelas torcidas em protesto a intervenções do árbitro,

especialmente as que marcam impedimentos, pênaltis, tiro livre e expulsões. Na verdade, é preciso afirmar que na maioria das vezes os “homens de preto” são injustiçados. No entanto, casos de juízes “caseiros” ou de favorecimento aos chamados times grandes recheiam a história do PV. Poucas vezes destacados pela crônica esportiva, esses erros ou “metidas de mão” dos árbitros ficam na memória apenas dos torcedores dos times prejudicados, quase sempre os do interior, que ousam ameaçar o reinado dos grandes. Afinal, as relações de poder são visíveis também no futebol.

Guarani de Sobral, Quixadá, Icasa e mais recentemente Horizonte e Maranguape estão entre as principais vítimas da “turma do apito”. As quase vitórias ficam entaladas na garganta e costumam ser lembradas pelos torcedores mais fiéis. Em algumas situações, os torcedores se revoltaram e o PV que pagou o pato. Foi o que aconteceu em 1971, no jogo final do campeonato estadual entre Ceará e Fortaleza. O Leão vencia por 2 x 1 e a torcida já comemorava o título quando no finzinho do segundo tempo o Ceará marca. Os tricolores revoltaram-se, alegando que a partida deveria ter terminado antes da cobrança de falta que originou o gol alvinegro. Quebraram o alambrado e invadiram o campo, mas o protesto foi em vão. O juiz encerrou o jogo e o Ceará ficou com o título.

Craques de diferentes gerações guardam no “álbum da memória” histórias vividas no PV. Em depoimento

dado ao historiador Airton de Farias, Da Costa relembra o gol marcado contra o Santos em 1972: “O Jorge Costa foi à linha de fundo e cruzou, subi na frente do Carlos Alberto, lateral de Seleção, e cabeceei no cantinho. É um gol que tenho guardado até hoje comigo”. Edmar também estava nesse time e guarda boas lembranças: “Vencer o time de Pelé não era pra qualquer um não”. Gildo descreve seu momento mais marcante no estádio. Foi em 1969, no jogo entre o Remo e o Ceará, onde houve espetacular virada do alvinegro: “Em cima da hora, eu fiz o terceiro gol e o estádio veio abaixo. Foi aquela gritaria, eu corri e caí de emoção. Foi muita emoção aquele jogo”.

Mas nem só de craques e jogos decisivos vive o Pevezinho. Não menos emocionantes eram as partidas entre equipes menores, os chamados “times pequenos”, cuja torcida cabia numa Kombi, como se costumava dizer. É certo que não atraíam uma multidão de torcedores, mas nem por isso deixaram de marcar as histórias de vida dos que dele participaram. Nessas disputas, podia-se ouvir os treinadores aos berros dando orientações a seus comandados, assim como as palavras, geralmente de baixo calão, trocadas entre os jogadores ou dirigidas ao trio de arbitragem.

Gloriosas, embora raras, eram as partidas em que essas equipes conseguiam “engrossar o caldo” pra cima dos “times grandes” e arrancar uma vitória ou empate. Lembrome de uma dessas ocasiões, quando o América, chamado

carinhosamente de Mequinha, empatou com o Fortaleza no PV por 2 x 2, em 1995. Foi um Deus nos acuda. Como podia um timinho desses empatar com o poderoso Leão do Pici? O América cearense, ao contrário de seus homônimos carioca e mineiro, estava em franca decadência. Campeão em 1960, quando era considerado grande, colecionara seguidos fracassos e se convertera em uma espécie de time-empresa. A imprensa destacou a ineficiência do juiz, as expulsões, mas não creditou nenhum mérito ao Mequinha.

Essa partida, assim como outras em que aconteceram situações similares, com certeza estão gravadas na memória dos atletas que nelas atuaram, tanto quanto os feitos de Gildo, Edmar, Da Costa e outros jogadores considerados famosos. Gleivan Lopes relatou-me um jogo inesquecível para ele, quando o suburbano Leão XIII quase jogou chope na água em um amistoso comemorativo contra o Fortaleza. Ricardo Aires tinha em seu álbum de recortes boas lembranças do PV, inclusive matérias sobre o jogo América 2 x Fortaleza 2. Há uma foto sua em campo, vestindo a camisa 4, em disputa de bola com Vivinho, atacante do Fortaleza à época. O zelo com que guardava esses recortes, testemunhas de sua trajetória como atleta, e sua paixão pela bola mesmo depois de “pendurar as chuteiras” me fizeram chegar a uma conclusão: futebol não é profissão, é religião. Portanto os estádios são mais que lugares para a prática de jogos. São templos.

Ambulantes, porteiros, gandulas e outros auxiliares do espetáculo futebolístico também marcaram a história do PV. Atualizar o placar era uma operação arriscada. Antes dos eletrônicos era preciso subir na torre e trocar os números manualmente. Seu Manuel Ventura que o diga. “Garoto do placar” entre 1962 e 1968, contou-me como era arriscado subir na escadinha para trocar o placar. Ainda mais quando havia “tomado umas”. Em compensação, tinha vista privilegiada de sua plataforma, uma tábua colocada embaixo do marcador. Confidenciou-me que em um jogo do Ceará agarrou no sono, sendo acordado meia hora depois de seu time do coração ter marcado um tento. Os gandulas também não tinham vida mole. Precisavam garimpar as bolas nas arquibancadas, pois eram itens raros. Até poucas décadas não era proibida a venda de bebidas alcoólicas. O torcedor comprava um burrinho nos muitos bares existentes no entorno do PV e fazia a festa.

Alguns traziam panelas de comida de casa para saborear na arquibancada. Guisado de porco, frango assado e farofa eram os pratos preferidos. Tudo acompanhado de ki-suco, daquele que deixava a boca tinta de vermelho. Vendedores de chegadim, dindin, peta, cai-duro, circulavam livremente nas arquibancadas. Muitos se tornavam conhecidos de torcedores e jogadores, como a Tiazinha do PV, que ainda hoje vende suas especialidades no estádio: macaxeira ou batata doce cozidas com café. “Ninguém

dispensa minha macaxeira e minha batata”, gaba-se ela. Alguns atletas se tornavam folclóricos por sua irreverência, como é o caso do lateral P.C. (Paulo Cesar), lembrado em crônica de Serginho Amizade – *O PC no PV* – pelos cruzamentos estilo jornada nas estrelas e por adorar comer cai-duro entre os intervalos das partidas.

Histórias e histórias... Ver o Presidente Vargas com padrão FIFA é estimulante, mas nos convida a uma reflexão. Sem a velha e democrática geral, com cadeiras a preço inacessível para a maioria dos torcedores, os espaços para a prática do esporte tido como o mais popular do Brasil acabam sendo elitizados. Os campinhos de futebol que sobraram para a garotada e a rapaziada se iniciarem no futebol não são melhores do que o antigo campo do Prado: sem grama, esburacados, com iluminação deficiente. Ainda assim, são cada vez mais raros. Ameaçados pela especulação imobiliária, do dia para a noite transformam-se em canteiro de obras. Isso nos faz pensar onde serão forjados os novos craques que jogarão no PV, no Castelão, ou em outros estádios padrão FIFA. O fim dessa escrita corresponde com a mais pífia das representações do Brasil na Copa do Mundo, com direito a uma histórica goleada impingida pela Alemanha.

É Federal!

A Universidade Federal do Ceará, inicialmente chamada de Universidade do Ceará – UC, foi criada em 1954 e teve sua instalação concretizada no ano seguinte. O intuito era agregar as instituições de ensino superior já existentes no Ceará, como Escolas e Faculdades, para alavancar o desenvolvimento regional em consonância com as políticas do governo Getúlio Vargas. O ensino de 3º grau em Fortaleza à época era ofertado pelas Escolas de Ensino Superior, cinco das quais passaram a integrar a recém-criada Universidade: as Faculdades de Direito, Farmácia, Odontologia, Medicina, Ciências Econômicas, somadas à Escola de Agronomia. Essas instituições funcionavam em edificações isoladas e inadequadas à demanda crescente de alunos.

Para a instalação da nova universidade em Fortaleza foram adquiridos terrenos e imóveis onde seriam construídos três campus: Benfica, Pici e Porangabuçu. Em 1956 se deu a aquisição do palacete Gentil – sito no quadrilátero formado pelas Avenidas da Universidade e Treze de Maio e pelas ruas dos Remédios e Paulino Nogueira – para a construção da Reitoria. Ali se instalou o núcleo administrativo da recém-criada instituição de Ensino Superior, lá permanecendo até os dias atuais. A partir desse núcleo, a UFC se expandiu pelas imediações do bairro,

modificando a paisagem ao demolir, construir e adaptar imóveis com fins de instalar suas unidades educacionais, segundo suas necessidades estruturais.

O palacete onde habitaram algumas gerações da família Gentil foi comprado na gestão do reitor Antonio Martins Filho. Por sugestão deste, o projeto elaborado pelo departamento de obras da UFC para a construção da Reitoria manteve as linhas arquitetônicas do palacete Gentil, que havia sido projetado pelo Dr. João Sabóia Barbosa. O núcleo central do prédio, onde estava localizada a torrinha, foi preservado e integrado à nova construção. Muitos desavisados, até em meio escrito, informam erroneamente que a Reitoria da UFC foi instalada no palacete Gentil.

Outras residências igualmente imponentes, como os casarões do núcleo onde funcionam o curso de Letras, as Casas de Cultura Estrangeira, a Casa Amarela Eusélio Oliveira e a Rádio Universitária foram preservadas, adaptadas aos novos usos, mas não sem interferências indesejáveis. O edifício onde hoje funciona a Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo da UFC é dos raros que não era moradia. De linhas imponentes, onde predomina o estilo neoclássico, sediou o Grupo Escolar Rodolfo Teófilo e o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Já os imóveis menores, sinalizadores da popularização das moradias no Benfica, foram quase

todos demolidos para dar lugar à construção dos blocos da Comunicação, Arquitetura, Ciências Sociais.

O funcionamento desses equipamentos colocou em curso uma gama de interações entre universitários e não universitários, esses últimos constituídos majoritariamente pela população do bairro Benfica. Relações de poder e mais-valia começaram a se delimitar nesses espaços de convivência, impondo regras e condutas. Partilhar o mundo universitário significava aceitar seus valores ou pelo menos procurar assimilá-los. Sinônimo de vanguarda no pensamento e comportamento, a Universidade compartilhava com a comunidade não universitária eventos como as festas no Centro Acadêmico Universitário – CEU, exposições no Museu de Arte da UFC – MAUC, cursos da Casa Amarela e das Casas de Cultura Estrangeiras, entre outros. Os que se inseriam naquele meio tinham noções de pertencimento e território e das consequentes relações de poder. Percebe-se que nessas ações, permutas e inserções ia sendo forjado o referencial universitário para o Benfica.

Mudei-me para Fortaleza em 1979, com a finalidade de concluir o antigo 2º grau (atual Ensino Médio), e tentar, em seguida, o ingresso em uma universidade pública. Lembro-me de que o ano em que deveria prestar vestibular correspondeu com a implantação do sistema de respostas por somatório na Universidade Federal do Ceará, o que foi considerado uma “infelicidade” por nós, estudantes do 3º

ano do Colégio Rui Barbosa. Acontecimentos em minha vida pessoal adiaram os planos de ingresso na universidade. Some-se a esses uma grande desmotivação experimentada desde os dois últimos anos de estudo. Talvez por não existir na época o curso de artes pretendido, talvez por não saber direito o que queria, o fato é passei, em dois anos, da primeira fila para o “fundão”.

O estreitamento de minhas relações com o bairro universitário do Benfica começou no ano de 1986, quando me mudei para o Edifício Marly, sito à rua Antenor Frota Wanderley, esquina com Waldery Uchôa. Nessa época comecei a frequentar os eventos realizados na Concha Acústica, notadamente shows de artistas da MPB e talentos locais. À época quase todos os meus amigos eram alunos da UFC, além de duas das minhas irmãs. Tal condição era salientada como uma espécie de mais-valia, acrescentada obrigatoriamente quando se falava sobre o curso universitário: “faço História na UFC”. Coursar a Universidade Federal, para eles, era pertencer a uma elite, a uma casta superior aos alunos das demais Universidades existentes à época, no caso a Universidade Estadual do Ceará e a Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

Os universitários se diferenciavam dos não universitários por terem sido legitimados pelo senso comum como membros de uma casta superior no território do Benfica. Uma mentalidade reinante de que esses alunos

formam uma espécie de classe homogênea e diferenciada, sendo comum se nomear lugares acrescentando as palavras universitário(a) ou acadêmico(a): Cantinho Acadêmico, Livraria Acadêmica, Bar dos Acadêmicos, entre outros. Alguns equipamentos, como as Casas de Cultura Estrangeira, a Casa Amarela Eusélio Oliveira, o Teatro Universitário e o Museu de Artes ofereciam cursos à comunidade, aumentando o intercâmbio da universidade com a população do bairro.

Outros eventos compartilhados com não universitários eram as calouradas e as festas do CEU, promovidas no Centro Esportivo Universitário. Apesar de não ser necessária a condição de universitário para participar desses eventos, precisava-se de alguém do meio, ou seja, de um aluno da UFC que facilitasse a entrada dos jovens não universitários. Havia também os eventos abertos à comunidade, como as exposições no “Museu de Arte da Universidade do Ceará” e alguns shows realizados na Concha Acústica. Além desses redutos acadêmicos “oficiais”, bares, restaurantes e espaços públicos são compartilhados. Ao contrário dos outros, são de livre acesso, mas ainda assim há uma demarcação: indumentárias, posturas, gestos, conversas, gostos musicais, ainda hoje definem os espaços, embora compartilhados, como territórios de universitários e não universitários.

A musicalidade e a intelectualidade fazem história no bairro. Ouso afirmar que o “luxo da aldeia” nasceu no

Benfica, à sombra das mangueiras sobreviventes da época dos Gentis, onde poetavam Fausto Nilo, Ednardo, Petrucio Maia, Rodger Rogério, Brandão e tantos outros. Muitos dos cearenses de destaque – intelectuais, escritores, poetas, políticos, teatrólogos e afins – têm suas histórias de vida marcadas pelas vivências no campus universitário do Benfica. Moreira Campos diáfano, quase luz, era um “benficano” por excelência. Seus passos leves de passarinho palmilharam milhares de vezes o percurso entre o Bosque da Letras, onde foi professor por décadas, e sua casa, na rua Juvenal de Carvalho, em cujo lugar existe hoje um estacionamento do Shopping Benfica. Ainda deve arrulhar por lá, nos galhos das velhas e acolhedoras árvores. O psiquiatra e escritor Airton Monte era um dos aficionados do Benfica. Contou e cantou o bairro em suas irreverentes crônicas, semanalmente publicadas no *Jornal O Povo*.

A rebeldia e a capacidade de articulação dos estudantes universitários de diferentes gerações também marcaram o imaginário popular, notadamente no “bairro universitário”. Facilmente identificada nas falas, essas percepções fortalecem a existência de uma visão idealizada sobre os movimentos estudantis. Histórias de heroísmo na luta contra o poder militar e pela redemocratização são recorrentes. No pensar de Martins Filho, o mito de que “os estudantes sempre estiveram ao lado do povo brasileiro em todas as suas lutas.” É como se representassem os que,

vencidos pela descrença ou apatia, não se rebelam, mas sentem lá no íntimo orgulho dos que o fazem. O campus do Benfica sempre concentrou, em diferentes temporalidades, espaços onde se articulava o movimento estudantil.

Na avenida da Universidade estava localizada a sede do Diretório Central dos Estudantes – DCE, além das sedes de vários partidos ditos de “esquerda”. São muitas as histórias sobre perseguições, prisões, torturas e solidariedade de moradores do bairro a jovens universitários perseguidos pela polícia no período da Ditadura Militar. Marchas e passeatas por diferentes causas e em diferentes épocas começaram nesse logradouro. O ingresso à Universidade nas décadas de 1960, 70 e 80 era marcado pela incorporação de gestualidades e indumentárias peculiares. Andar desleixado (porém resoluto), cabelo e barba grandes e mal cuidados, mochila de lona, boina e camiseta com estampa do “Che” eram quase obrigatórios. Determinadas leituras e posturas também eram rituais. Essa identidade parece ter se consolidado como um estereótipo, vigente até os dias atuais, especialmente nas falas dos mais antigos. Entrar para a Universidade Federal era muito mais que começar a cursar o terceiro grau, era ingressar numa espécie de irmandade ou sociedade secreta que conferia distinção a seus pares.

Em tempos de Democracia, os movimentos de universitários, assim como as greves de funcionários da Universidade Federal, parecem não mais contagiar a comunidade

não universitária. Não raramente ouve-se um “Vão trabalhar, vagabundos!” dirigido aos acampados no antigo jardim do clã dos Gentis. Os pátios lotados de carros novos escancaram uma realidade que soa como aberração: a universidade pública ainda é para as elites. Ampliam-se as cotas, democratiza-se o vestibular, mas os avanços são poucos. O visual “universitário” tem poucos e nostálgicos adeptos e as calouradas parecem cada vez mais com as festas “do povo” como o “Quem é de Benfica” e outros carnavais. O estigma (seria o status?) de ser universitário não confere a distinção de épocas passadas, embora ainda tenha seu apelo. Há ainda a “concorrência” com os estudantes da antiga Escola Técnica, agora também alçados à condição de estudantes da “federal”.

Não há mais causas a serem defendidas? Um muro pichado com jargões de protesto contra o capitalismo des-
toa da paisagem onde se impõem lojas, *shoppings*, *outdoors*, ambulantes e tantos apelos mais. As pessoas passam meio indiferentes, cada um tem mais o que teclar. Teria caído o mito citado por Martins Filho (o eterno reitor) de “defensores do povo em todas as suas lutas”? O tempo dirá.

Espaços, usos e abusos

Michel de Certeau bem afirma que o espaço urbano é, antes de tudo, um lugar praticado: “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”. Para as ruas, praças e demais espaços públicos do Benfica, o pensamento de De Certeau cai como uma luva. Em poucos bairros de Fortaleza, talvez em nenhum, exceto o Centro, há um trânsito intenso de pedestres e consequentes usos e apropriações dos espaços públicos. A presença da Universidade Federal do Ceará e da Escola Técnica do Ceará (atual IFCE) foi decisiva para a transformação do bairro, antes essencialmente residencial, em um lugar de efervescências e permutas. Nas ocupações e usos dos espaços públicos no Benfica têm destaque – além da já citada movimentação em torno das atividades acadêmicas – a feira livre, os bares, os botecos, as bodegas, os mercadinhos, as barracas e os ambulantes, os jogos no Presidente Vargas e Aécio de Borba e o carnaval de rua.

A feira livre do Benfica não é tão diversificada quanto as famosas feiras da Parangaba e da Messejana, onde se vende de baladeira a passarinho. Frutas, verduras, carnes, miúdos e peixe são as principais mercadorias. Aqui acolá umas especiarias, plantas ornamentais, artesanatos e artefatos de cozinha. Sobrevivente ao advento dos supermercados – que vendem praticamente os mesmos produtos –, a feira

do Benfica tem seus fiéis consumidores. O preço e a diversidade já não atraem tanto. O hábito é cultural: um dedo de prosa sobre futebol com os feirantes já conhecidos de longa data, a fruta de época escolhida no capricho e guardada para o cliente especial.

As feiras surgiram com os primeiros agrupamentos urbanos, tendo se intensificado no final da Idade Média. Contribuíram, inclusive, para a revitalização do comércio e consequente fim do sistema de produção feudal. No Brasil, durante o período colonial, existiam dois tipos de feiras: as livres – que funcionavam preferencialmente aos sábados e vendiam gêneros de subsistência – e as de gado. Na região Nordeste, especialmente nas cidades interioranas, a feira se inscreve no imaginário popular como um evento de singular importância, que transcende a comercialização de mercadorias. Mais que um lugar para fazer a feira, é, até os dias atuais, ponto de encontro, oportunidade de socialização e diversão.

Em Fortaleza, juntamente com os mercados públicos, as feiras foram os principais pontos de comercialização de gêneros alimentícios até a década de 1940. Funcionando aos sábados e domingos na Praça da Gentilândia, a feira livre do Benfica ainda é bem frequentada, embora a área destinada às barracas tenha recuado na última década. A rotina dos feirantes é puxada. Chegam ainda na madrugada para montar as barracas e arrumar as mercadorias. A pechincha é inevitável, pois muitas vezes o feirante já calcula o preço

contando com o “choro” do freguês. Quando a mercadoria encalha, a promoção é certa. Nasceu daí expressões como “mais barato do que bolo em fim de feira”.

Seu Vicente “dos ovos”, feirante desde 1953, informou-me que em décadas passadas (não lembra exatamente quando) a feira funcionava na Praça João Gentil. Trabalhava também em feiras livres na Praça da Estação, José de Alencar e na atual avenida Barão de Studart – em um campo aberto onde hoje está uma das sedes do Colégio Christus. “Naquele tempo era um areal. Fortaleza tinha um tantim de carro. Minha banca era sortida, eu vendia de um tudo. Hoje existe a concorrência dos supermercados, a gente vende um nada”, disse ele, com uma ponta de saudade. Atualmente, seu Vicente especializou-se na venda de ovos de galinha caipira – o que lhe rendeu o apelido – e de outros produtos típicos cearenses: castanha de caju, queijo coalho, rapadura, batida, cocada. Dotado de grande carisma, conversou comigo enquanto despachava os fregueses, que pelo tom das negociações, pareceram-me conhecidos de longa data. Outro que dá notícias sobre a feira da Gentilândia é Manoel Ventura, proprietário do “Ventura Bar”. Morador do bairro desde 1960, informa que nessa década se vendiam 200 quartos de boi na feira, além de carneiros, bodes, cabras, peru, capote e galinha.

A Praça da Gentilândia também abriga uma feira de comidas típicas atípicas, pois da culinária cearense

tradicional só restou o baião-de-dois, a carne de sol (em forma de escondidinho) e a paçoca. Reina soberano o vatapá (de frango ou de camarão), o estrogonofe, o creme de galinha, o peixe à delícia. Na década de 1990, no auge do plano real, os pratinhos com direito a arroz, salada, baião e duas opções de mistura custavam um real. Hoje, quintuplicaram de valor. As barracas começam a ser montadas no final da tarde e ficam em atividade até a perto da meia-noite. Ricardo e eu éramos fregueses da barraca da Rita (armada na esquina da praça com a rua Marechal Deodoro). Os pontos fortes, a meu ver, são o vatapá de camarão, a coxinha de carne de sol e a torta de limão.

Do lado oposto da fila das barracas de comida há barraquinhas de artesãos que se rederam, na grande maioria, ao brilho falso dos folheados e contas nas bijuterias que pouco ou nada se diferem das comercializadas em lojas populares. Alguns vendem peças de vestuário, cama, mesa e banho e decoração. Umas feitas de crochê, outras de tecido pintado à mão, plástico e emborrachados. Arranjos florais, almofadas, bichinhos, bonecas, chaveiros, tiaras, bolsas e outras miudezas estão entre os produtos expostos. Tudo de um colorido ostensivo, do tipo “cheguei”. São as transformações inevitáveis frente a uma nova gama de materiais e insumos disponíveis, contra as quais bradam muitos dos pretensos defensores da cultura tradicional.

A Praça João Gentil, muito confundida com a da Gentilândia, tem, ao contrário desta, frente para a avenida Treze de Maio, antiga Flor do Prado. É o lugar preferido para a realização de atividades culturais e políticas, com destaque para as reivindicações de gênero e diversidade sexual. Também são realizadas atividades esportivas, como aulas de ginástica aeróbica, ministradas por voluntários do Corpo de Bombeiros. É comum os “papudinhos”, vindos da farra ao raiar do dia, encontrarem senhoras com bem mais idade e saúde que eles indo para a “aula dos bombeiros,” munidas de seus bastõezinhos. O futebol tem lugar sagrado e cercado. Uma pequena área de areia alva como a lua com velhas mangueiras da Gentilândia “plantadas” em meio ao campo. A banca de revistas do Louro está lá há boas décadas. Além de jornais e revistas, vende bombons, chocolate e sorvete. Também “bota crédito” em celular e presta “consultoria” a quem não entende muito de tecnologia.

Bodegas, mercadinhos e bares rendem quilômetros de conversa. A função de espaço de socialização transcende a venda de mercadorias, tida como atividade principal. As bodegas tradicionais tinham balcão alto, de madeira ou alvenaria, dividindo o espaço ao meio. Do lado de dentro ficava o bodegueiro; do lado de fora, os fregueses. Não havia cadeiras nem bancos. Os clientes bebiam em pé, apoiados no balcão, disputando espaço com quem vinha

comprar mantimentos. Quando queriam encerrar a conta, mandavam o bodegueiro “passar a régua”, e em casos de fiado, mandavam “pendurar”. Não era aconselhado às mulheres frequentarem bodegas. O risco de serem constrangidas por quem já havia bebido além da conta era grande. Tradicionais nesses estabelecimentos eram as frases como “fiado só amanhã” e outras do gênero. Uma caveira de boi com o letreiro “esse chifre é o seu” também era popular.

Atuais substitutos das bodegas, os mercadinhos perderam o balcão e ganharam gôndolas semelhantes as dos supermercados, onde é vendida grande diversidade de mercadorias. Alguns funcionam também como bar, ainda que informalmente, com o próprio freguês se responsabilizando por manter seu copo e sua garrafa em devida ordem. Apesar de sua aparência com supermercado, os mercadinhos têm uma atmosfera familiar, comum nas antigas bodegas. Os fregueses de confiança gozam de crédito e mantêm cadernetas para controle de suas compras. Em sua grande maioria são velhos conhecidos do bairro e costumam ser tratados pelo nome. O lugar costuma aglutinar quem quer matar o tempo, que parece se arrastar numa dinâmica diferente. A curiosidade sobre os dramas alheios é inevitável. O Mercadinho Preço Bom, mais conhecido como mercadinho do Aldo, é desses típicos estabelecimentos. Ponto de encontro de ex-boleiros, aposentados e moradores do bairro, ali não falta, além da boa conversa,

um joguinho de cartas, dominó, além da cerveja ou cachaça bebida ao pé da cadeira.

Ao contrário das bodegas e mercadinhos, nos bares há mesas para os clientes sentarem. Lá não se vendem mercadorias, além de bebidas e tira-gosto. Até fins do século XX, os bares do Benfica eram bem simples. Preferencialmente localizados nas esquinas, tinham mobília composta por mesas e banquinhos de madeira, sem toalha, paredes sem nenhuma decoração, além das prateleiras com “bebida quente”. O banheiro costumava ser precário e, via de regra, exalavam um odor desagradável. O bar Feras Corais e o Aquarius, transplantado da Beira Mar sem perder a marca das frequentadoras da “melhor idade”, marcaram época no bairro. Dos bares mais tradicionais ainda em funcionamento, merecem citação os do Chaguinha (também conhecido como “buraco do Reitor”), do Ventura, do Beto, da Loura, do Assis, do Feitosa, além do Pitombeira Bar, do Gaiola e do Cantinho Acadêmico. Muitos desses estabelecimentos modernizaram suas instalações, adotando mesas e cadeiras de plástico e tornando os banheiros mais frequentáveis.

Cada um desses lugares tem o seu perfil, com as devidas demarcações de território. No Cantinho Acadêmico predomina o público universitário, a começar pela música ambiente. No Assis rola samba de mesa e pagode e o público é eclético. Já no Pitombeira rola solto o forró comercial, a despeito da grande quantidade de alunos habi-

tuais frequentadores do lugar. Situado num largo no início da rua Juvenal Galeno, ocupa uma área considerável com mesas e cadeiras. Muitos universitários “batem ponto” diariamente no local, sendo frequente o hábito de matar aulas. O espaço do largo é compartilhado com barraquinhas e carrinhos que vendem churrasquinho de gato, batata frita, sanduíche, pipoca. A do Demir era conhecida pela qualidade dos churrascos, especialmente os de coração de boi. Ricardo e eu éramos fregueses habituais de lá. Ainda sinto o vento da praça em meu cabelo, guardo num camafeu os sons e cheiros de quando minha vida era tão colorida.

A casa onde morou dona Amélia Gentil é hoje a Churrascaria Caicó. Antes funcionou lá o célebre Restaurante e Bar Aquário. Os quarteirões da rua Paulino Nogueira, compreendidos entre as ruas Marechal Deodoro e João Gentil, são território das torcidas em dia de jogo no Presidente Vargas. Uma sequência de bares disputam a preferência do torcedor, competindo com as barracas e trailers. Um corredor humano se forma em meio a torcedores uniformizados, eufóricos com vitória ou abatidos em caso de derrota. Mas, como rezava um antigo comercial da cachaça Praianinha, “se meu time ganhar eu vou beber pra comemorar. Se meu time perder eu vou beber para esquecer”. Bom para o cinturão etílico da Paulino Nogueira e adjacências do PV, formado por bares, restaurantes, quiosques e trailers, que tem seu público garantido, independente do resultado do placar.

O Benfica é dos bairros de Fortaleza a marcar presença no carnaval de rua. Na década de 1990 surgiu o bloco pré-carnavalesco Quem é de Benfica, que ano a ano viu seu público aumentar de forma espantosa. No estilo cordão de rua, era animado por banda que tocavam marchinhas tradicionais e não exigia compra de fantasia para participar. Milhares de pessoas acorriam ao evento e o pequeno trecho do quadrilátero compreendido entre as ruas Padre Francisco Pinto, avenida 13 de maio, Waldery Uchôa e Marechal Deodoro não tinha estrutura para suportar tal lotação. Milhares de indivíduos do sexo masculino – à moda de machos-alfa – marcavam território urinando nos jardins cuidados por pacatas e setuagenárias senhoras, que ainda cultivavam o hábito de colocar cadeiras na calçada. A invasão de ambulantes e trailers deixava um rastro de lixo. O evento voltou nos últimos anos durante o período regular do carnaval, data que inibe as superlotações, pois muitos têm o hábito de viajar. Blocos como o Sanatório Geral e o Luxo da Aldeia têm feito sucesso, arrastando centenas de foliões ao Benfica.

Assim é o meu, o seu, o nosso Benfica, de tantos e tantos carnavais. Pontilhado de lugares de memória não só para mim, mas para muitos, o bairro é também palco de abusos nos muitos usos de seus espaços. Dos que clamam por direitos, ferindo e agredindo direitos de terceiros, dos paredões, dos carros estacionados de forma irregular, das

extorsões praticadas por flanelinhas, dos pontos de venda de droga, roubos, assaltos à mão armada. A morte do professor universitário Vicente de Paulo Leitão foi, a meu ver, um divisor de águas. É como se tivessem ficado explícitos antigos confrontos, rompendo tréguas e acordos tácitos, expondo as fraturas das relações permeadas por conflitos. Após ter tido o carro roubado, o professor é vítima de tiros e tomba sem vida nas proximidades da Praça da Gentilândia, no coração do bairro universitário do Benfica.

Algo quebrou e dificilmente poderá ser consertado.

A (irresistível?) sedução do consumo

Um dos principais argumentos usados pelo corretor para justificar o valor do imóvel sito à rua Campos Sales, adquirido por nós em 1999, foi a proximidade do Shopping Benfica, em vias de ser inaugurado. Ocupando o quadrilátero formado pelas avenidas Carapinima e 13 de maio e pelas ruas Tereza Cristina e Juvenal Galeno, foi construído num terreno pertencente ao extinto grupo Romcy, que passou anos com uma obra inacabada. Primeiro empreendimento comercial do gênero no Benfica, o advento da construção animou os moradores do bairro desde o início, pois o local, abandonado há décadas, era tido pelos transeuntes como refúgio de delinquentes e usuários de

drogas. Afinal, livrar-se um “coito” de marginais – como era chamado o lugar – em troca de um *shopping center* parecia excelente negócio.

A despeito de ser o ícone maior da cultura de consumo norte-americana, o *shopping* têm suas origens ligadas às lojas de departamento europeias, especialmente às galerias comerciais, surgidas em Paris no século XIX. Há quem considere o Derby, empreendimento do cearense Delmiro Gouveia, como o primeiro *shopping center* brasileiro. Inaugurado em Recife no ano de 1899, combinava compras e lazer e alcançou a marca de milhares de frequentadores. Teria sido incendiado intencionalmente por conta de rixas políticas e pessoais do empresário cearense com o governador de Pernambuco à época.

Mais que a sua tradução literal – centro de compras – um *shopping* pode ser comparado a uma ilha, na qual as pessoas acreditam estarem a salvo dos problemas reinantes nos centros urbanos: violência, pedintes, poluição. Estamos diante de uma realidade construída, que nos acena sedutora. Hipoteticamente limpa, reluzente, perfumada – mas permeada dos mesmos conflitos, contradições, permutas, negociações lá de fora, embora quase sempre velados. O ato de consumir, condição inerente ao capitalismo, vai, ao longo do tempo, assumindo papel de crescente destaque como marca de distinção social. A cultura de consumo transforma os hábitos cotidianos e as

relações entre as pessoas. Aos poucos substitui a conversa na calçada, o encontro na praça, no bar da esquina. No Benfica não seria diferente.

O impacto da construção de um *shopping* no bairro pode ser comparado, embora em escala menor, ao da instalação da Universidade Federal, a começar pela expansão, embora informal, dos seus limites. Estender os limites de um bairro mais valorizado comercialmente, que confere aos seus moradores maior status social, é fenômeno recorrente em Fortaleza. A Aldeota é o exemplo mais patente. Anexa, ainda que simbolicamente, trechos limítrofes de bairros como Centro, Piedade, Pio XII, Dionísio Torres, Edson Queiroz. Com a construção do *shopping*, essa tendência que já podia ser observada no Benfica em relação ao Jardim América, Damas, Centro e Joaquim Távora, passou a englobar também bairros como Farias Brito, Otávio Bonfim e Parque Araxá. Convivo, em meu endereço, com essa “crise de identidade”. Na conta da energia consta o bairro Benfica e na de água e esgoto o bairro Farias Brito.

Mas as transformações dos espaços no entorno vão além das “incorporações” de bairros ou ruas. A valorização dos imóveis e a consequente elevação dos preços para compra e aluguel expulsa antigos moradores que não mais conseguem sobreviver no bairro. Sucessivas demolições de casarões próximos ao Shopping, entre eles o que pertenceu aos escritores Moreira Campos e sua filha Natércia,

são perdas significativas para o patrimônio histórico-afetivo de Fortaleza. Assim como a Universidade, o Shopping parece ter aprovação da grande maioria dos moradores, o que pode ser interpretado como uma intervenção positiva. Em tempos onde a sedução do consumo, para muitos, parece prevalecer às crenças e valores, ter um *shopping* no bairro é sinal de distinção e mais-valia, motivo de orgulho para a maioria dos que são de Benfica.

O Shopping Benfica se inscreve no cenário dos empreendimentos comerciais similares com algumas singularidades. Mantêm atividades culturais, como exposições, aulas de arte, sala de leitura e apresentações musicais desde o início do seu funcionamento. A começar pelos tapumes pintados com painéis de artistas plásticos selecionados por um concurso cuja premiação era uma viagem a Paris. Eram usados para encobrir as fachadas das lojas ainda vazias. Na inauguração do Shopping foi realizada uma exposição com fotografias antigas do Benfica. Uma farta documentação iconográfica sobre os casarões do bairro e seus moradores, com destaque para os membros da família Gentil. Algumas lojas ainda não alugadas foram cedidas temporariamente a associações de artesãos, que ali vendiam seus produtos. Outras eram cedidas a adolescentes para a prática de jogos de estratégia, como *Role-playing game* –R.P.G – em português conhecido como Jogo de Interpretação de Personagens – e cartas, febre entre crianças e adolescentes no início do século XXI .

Exposições artísticas e educativas sobre os mais variados temas são montadas nos corredores. Obras de arte são colocadas intencionalmente no caminho dos consumidores, tentando roubar-lhe um pouco de atenção, numa competição muitas vezes desleal com as vitrines, especialmente em datas como natal, dia das mães, dos pais e dos namorados. Uma imagem de Jesus crucificado e uma capela improvisada com altar, velas artificiais e uma imagem de Nossa Senhora das Graças mudam constantemente de lugar, conforme a disponibilidade de espaços não ocupados pelas lojas. A mesma sina andarilha desses ícones da fé é compartilhada pela sala de leitura. Nos corredores, pode-se deparar com aulas de dança de salão onde pares animados quase chegam a impedir a circulação dos consumidores. Uma vez por mês acontece uma feirinha de artesanato.

Intencionalmente ou não, o Shopping Benfica parece ter se incumbido da missão de substituir as praças como lugar de socialização no bairro. Eventos como pré-carnaval, festas juninas e natalinas foram incorporados à programação do Shopping. A mensagem publicada no site oficial enfatiza as vantagens de brincar o carnaval no Shopping: “Faça parte dessa festa. Reúna a família e os amigos e venha pular o carnaval com toda a segurança e comodidade do Shopping Benfica”. As seções de ginástica ministradas também por voluntários do corpo dos bombeiros no estacionamento do Shopping concorrem com as da Praça João Gentil. Campa-

nhas de distribuição de mudas, reciclagem de lixo, doação de roupas e brinquedos, adoção de animais e vacinação estão entre as ações sociais promovidas pelo Shopping.

Olhares de cobiça para o último lançamento de tênis, calça jeans, aparelhos celulares e *tablets* não passam despercebidos. Fico pensando no que esses jovens fariam para possuir tais objetos de desejo. Há quem vá para o *shopping* com o dinheiro contadinho do cinema e da pipoca, há os que nem isso tem, e vão para fazer hora, como iriam, em tempos passados, às praças e calçadas. Há os que se esbaldam na praça da alimentação – para felicidade dos Donald’s e outros franqueados. Vitrines nos querem fazer crer que a felicidade pode ser comprada sim, e ainda parcelada em módicas vezes no cartão de crédito. Manequins esguias e indiferentes – em sua eterna juventude – acenam com a possibilidade de ser mais *fashion* e elegante, embora as roupas sempre lhe caiam melhor do que em nós, pobres mortais.

Se os *shoppings* são os “templos da modernidade”, seriam bem-aventurados os endinheirados, porque deles é o reino do consumo? Por quanto tempo os produtos que compram os farão felizes? Poderá o “ter” preencher os vazios do “ser”, que parecem aumentar em um cenário onde as crenças parecem ter dado lugar à desesperança, e a ciência não cumpriu o prometido de elevar a qualidade de vida para a esmagadora maioria da população do planeta? Andar pelo Shopping Benfica me traz conforto e boas

lembranças. Não sou uma frequentadora contumaz de *shoppings*. Vou comer ou comprar alguma coisa, só. Mais comer do que comprar. A praça de alimentação me traz lembranças doídas. Ricardo e eu a frequentávamos com certa regularidade. Comíamos frango xadrez em um só prato. De outra, feita espetinho de frango, pastel ou *kalzone* de bife. Depois ele ficava na companhia de canecas de chope enquanto eu dava uma olhada nas lojas. Muitas vezes nem comprava nada. Gosto de olhar e passar ao largo, pensar que não preciso consumir nada para ser feliz, ou talvez não precisasse, antes de ter perdido Ricardo.

Em que pensam os jovens que empunham revólveres, canivetes e cacos de vidro nos sinais e esquinas? O que planejam comprar com fêria dos seus furtos e assaltos? O que planejavam os que abateram a tiros o professor universitário na Praça João Gentil? Um tênis novo para se exhibir diante da garota desejada, um celular maneiro com acesso à internet? Ou simplesmente uma pedra de *crack* para esquecer a dor de não ser? Como uma cobra que morde o rabo, a ilha de segurança desse “mundo de dentro” não alimentaria a insegurança cá no “mundo de fora”?

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

BARROSO, Francisco de A. *O Benfica de ontem e de hoje*. Fortaleza, 2004.

CASTRO, José Liberal. Martins Filho, o Edificador. In: MENEZES NETO, Paulo Elpidio (Org.). *Martins Filho de Corpo Inteiro*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004. pp. 181-227.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

FARIAS, Airton de. *Ceará – Uma História de Paixão e Glória*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A modernização de Fortaleza e o cotidiano da população: 1930-1960. In: DAMASCENO, F. J. G. (Org.); SILVA, Marco A.F. da (Org.). *Outras Histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeito(s)*. 1. Ed. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará / Fund. Demócrito Rocha, 2004.

LEITE FILHO, Rogaciano. *A história do Ceará passa por essa rua*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

LOPES, Marciano. *Fortaleza antiga: praças, ruas, esquinas*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

LOPES, Marciano. *Royal Briar – a Fortaleza dos anos 40*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.

MARTINS FILHO, Antônio. *Memórias – Maioridade I*. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1993.

_____. *Memórias – Maioridade II*. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1994.

_____. *Depoimentos para a História da UFC*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil: História - Iconografia – Folclore*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MENESES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006.

NOGUEIRA, A. G. R.; MARTINS, A.; SILVA, F. E. M.; CAVANCANTI, J. M. Benfica em três tempos: patrimônio, inventário e memória local. In: CHUVA, Márcia. *Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012. pp. 220-243.

NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006.

RODOLFO, Renato Mesquita. *O Acadêmico entre a boemia e o futebol: a construção do referencial universitário do Bairro Benfica (1954-1967)*. Natal: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social – ANPUH, 2013.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo e. *A cidade e o patrimônio histórico*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

SOUSA, Simone (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

VIANA, Carlos Negreiros. José Gentil Alves de Carvalho e o Banco Frota Gentil. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2007. pp. 201-208.

Sites

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. *Arquivo Nirez*. <http://arquivonirez.com.br/>

DANTAS, Aflaudisio. *Obras de igreja precisam de restauro*. Fortaleza: Jornal o Povo (<http://www.opovo.com.br>).

GARCIA, Kelly. *Patrimônio histórico sob a sombra do esquecimento*. Fortaleza: Jornal Diário do Nordeste (<http://diariodonordeste.verdesmares.com>).

GIRÃO, Ivna. *Patrimônio demolido no Benfica*. Fortaleza: Jornal Diário do Nordeste (<http://diariodonordeste.verdesmares.com>).

MAIA, Gelmison. *Benfica: O bairro que respira cultura e história de uma Fortaleza antiga*. Fortaleza: Jornal o Povo (<http://www.opovo.com.br>).

MARQUES, Vladimir e BEZERRA, Ivan. *História volta a ser contada no PV*. Fortaleza: Jornal Diário do Nordeste (<http://diariodonordeste.verdesmares.com>).

PEIXOTO, Marcus. *Benfica, onde pulsa cultura*. Fortaleza: Jornal Diário do Nordeste (<http://diariodonordeste.verdesmares.com>).

SOARES, Mario Elizio Aguiar. *O “velho” estádio Presidente Vargas, sua história e suas obras* (<http://lancelivrenacidade.wordpress.com>).

<http://www.trinitarios.com.br/2011/03/quem-somos.html>

<http://www.inossasenhordosremedios.com.br/parouquia/>

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=712516>

<http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/regioes/regiao-metropolitana-sao-jose/paroquias-da-regiao-sao-jose/parouquia-nossa-senhora-dos-remedios-benfica/>

<http://www.ceara.pro.br/fortaleza/Predios/dsc-intendencia1.htm>

Agradecimentos

Para compor esse livro, foram fundamentais – além das pesquisas em fontes bibliográficas – as conversas que tive, ao longo do tempo, com moradores, feirantes, jogadores de futebol, trabalhadores, estudantes, frequentadores e amantes do Benfica, dentre os quais destaco:

Adauto Mota

Antônio Lopes (Serrinha)

Clodoaldo Ferreira

Edmar Araújo

Francisco de Assis

João Batista da Silva

João de Paula (Dão)

João Soares Neto

José Raymundo dos Santos

Luiz Andrade Maia

Liduína Araújo de Carvalho

Manuel Albuquerque

Manuel Ventura

Maria Cezarina
Maria José Feitosa
Maria Nair Lins Gomes
Miguel Ângelo de Azevedo
Patricia Basílio
Paulo Cesar do Sacramento (PC)
Raymundo Netto
Raimunda Santos (dona Raimunda)
Robério Batista (o artilheiro de Deus)
Vessillo Monte
Vicente Rocha (Vicente dos Ovos)

Este livro foi impresso em Fortaleza (CE), no outono de 2015.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/13,5.
O papel do miolo é pólen 90g/m², e o da capa é cartão supremo 250g/m².